

REDAÇÃO

Professora Sandra Franco

I. Formas variáveis da língua.

1. Classificações:

- a) Culta.
- b) Coloquial.**
- c) Regional.
- d) Gíria.**

2. Exemplos.

II. Diferentes linguagens.

1. Poesia e prosa.

1. Apresentação das formas variáveis da língua.

Importante é você perceber que a variação da linguagem ocorre em razão do receptor, do contexto e do tipo de informação que se quer transmitir. Não vamos chamar nenhuma forma de expressão de "certa" ou "errada": vamos observar se está ou não adequada àquele receptor, ou ao contexto, ou ao assunto, combinado?

Sobre esse tema, leia um trecho de palestra proferida, na Academia Brasileira de Letras, por um eminente gramático chamado Evanildo Bechara.

"E agora, para terminar, retomemos o nosso tema inicial que é o saber, a normal culta na democratização do ensino. O que vem a ser isso? Vem a ser o seguinte. O professor deve convencer-se de que uma língua histórica (português, francês, espanhol), não é uma realidade homogênea e unitária; ela está dividida em várias línguas, de acordo com as variedades regionais, as variedades sociais e as variedades estilísticas.

Cada variedade dessas tem uma tradição lingüística e essa tradição é um modo correto, é uma maneira de correção da linguagem. Agora, todas

essas variedades lingüísticas confluem na língua exemplar, que é a língua de cultura. Então, a língua exemplar não é nem correta, nem incorreta, porque correto na língua é o que está de acordo com uma tradição. Se existe, por exemplo, uma tradição coloquial que diz "chegar em casa", esse é o padrão de correção na língua exemplar. Agora, o "chegar à casa" já é uma eleição cultural, que é exclusiva da língua exemplar.

De modo que quando os consultórios gramaticais dos nossos jornais falam: isto está certo, isto está errado - na realidade, não é isso. Cada modo de dizer tem o seu padrão de correção; entretanto, todos esses padrões convergem, por eleição, a uma forma exemplar. Essa forma exemplar é a forma que está na língua literária, quando o escritor sabe trabalhá-la artística, cultural e idiomáticamente.

Então, o que acontece? A democratização do ensino consiste em que o professor não acastele o seu aluno na língua culta, pensando que só a língua culta é a maneira que ele tem para se expressar; nem tampouco aquele professor populista que acha que a língua deve ser livre, e portanto, o aluno deve falar a língua gostosa e saborosa do povo, como dizia Manuel Bandeira. Não, o professor deve fazer com que o aluno aprenda o maior número de usos possíveis, e que o aluno saiba escolher e saiba eleger as formas exemplares para os momentos de maior necessidade, em que ele tenha que se expressar com responsabilidade cultural, política, social, artística etc.

E isso fazendo, o professor transforma o aluno num poliglota dentro da sua própria língua. Como, de manhã, a pessoa abre o seu guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação lingüística, um guarda-roupa lingüístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar com gíria, a falar popularmente, a saber entender um colega que veio do Norte ou que veio do Sul, com os seus falares locais, e que saiba também, nos momentos solenes, usar essa língua exemplar, que é o patrimônio da nossa cultura e que é o grande baluarte que esta Academia defende."

Você entendeu o texto, claro. Hoje, consideram-se as variações lingüísticas como absolutamente aceitáveis, sempre com a ressalva de que a norma culta deve ser conhecida e observada em situações formais.

a) CULTA

A norma culta é aquela que deve ser empregada, quando em situações formais, ou em textos científicos, acadêmicos. Não se

permite ambigüidade na linguagem formal: a objetividade deve ser o principal traço desse uso da língua.

A supremacia da civilização ocidental, representada pelo império norte-americano, carece de medidas e atitudes de nível planetário que evitem ao máximo o rastro de destruição deixado em seu curso expansionista. Há a urgência de uma racionalidade outra que a do americanizado mundo contemporâneo.

Revista Cult, dezembro de 2001.

b) COLOQUIAL

Os objetivos na linguagem coloquial são outros: simplesmente se quer conversar, ou, escrever como se estivesse conversando. Há uma descontração presente no uso da língua; não se trata de cometer barbarismos contra a língua culta e, sim, adaptá-la, deixá-la mais *peçoal*. Na linguagem do dia-a-dia, por exemplo, podemos, usar frases como "Você pegou o que eu te pedi?". Formalmente, essa construção em que se misturam as pessoas gramaticais está inadequada: "você" indica 3ª. pessoa e "te" é um pronome oblíquo que se refere a 2ª. pessoa ; o correto seria dizer "Você pegou o que eu lhe pedi?"

A Jô e a irmã dela acreditam que um vizinho antropólogo mora em frente ao prédio delas. Quando fazemos coisas absurdas, tipo ficar brincando de tocar percussão ou pulamos sem parar gritando às 2h da manhã, alguma delas sempre disse. O vizinho não deve estar entendendo nada. Ou... essa cena deve estar sendo super importante para a tese de mestrado dele. Na verdade, elas nunca pensaram que poderia ser tipo um tarado se divertindo com duas loucas pulando pela sala de camisola

Folhateen, fevereiro de 2002.

c) REGIONAL

Há, também, **variações** que são **regionais**. Expressões que são usadas apenas em alguns lugares do país, formas diferentes de nomear um mesmo objeto ou uma mesma situação. Você, certamente, já observou algumas diferenças lingüísticas ao falar com um a pessoa de outro Estado ou, às vezes, no interior, na zona rural de um Estado em relação à linguagem daquele que mora na zona urbana, enfim. Sobre esse aspecto das variantes lingüísticas, leia mais um pouco da conferência de Evanildo Bechara:

"Afora essa dimensão no tempo, esse saber idiomático identifica variedades que ocorrem numa língua histórica, isto é: variedades regionais, que são os dialetos; variedades sociais, que são os estratos sociais falados pelos diversos integrantes de uma sociedade; e o falar regional, vale dizer, se um ato lingüístico (palavra, expressão ou frase) é típico de uma região (por exemplo, o que no Brasil é trem, em Portugal é comboio; o que em Portugal se opta por "estar a almoçar", no Brasil preferimos "estar almoçando"; o que no Rio de Janeiro se chama "sinal luminoso de trânsito", em São Paulo é "farol", mais para o Sul, "semáforo", e em Porto Alegre, "sinaleira")."

Vejamos outras **variações**: a *média* em São Paulo é "café com leite"; em Santos, é um "pãozinho". Pãozinho, em Itu- SP, é *filão*; em São Paulo, capital é um "pão grande".

Bem, vamos ler um exemplo literário, um fragmento do conto "Bicho Mau" de Guimarães Rosa.

Seo Quinquim olhou, também. Teria por gosto aproveitar uma curta folga. Colher um ananás? Não, dava muito trabalho. E estão azedos, decerto, apertam na língua, piores do que o gravatás. Seo Quinquim se mostra alegre,. Às vezes banzativo, ora a dar um ar de riso, ele está nos dias de ser pai. Não tardava mais uma semana...

Na linguagem literária, especialmente nos textos de Guimarães Rosa, é bastante comum que se misturem a linguagem culta, a coloquial e o falar regional. Aliás, em Guimarães, há também arcaísmos, o que denota um conhecimento profundo da

linguagem. Se você quiser saber mais sobre a linguagem de Guimarães Rosa - autor sempre presente na lista das obras obrigatórias dos melhores vestibulares - recomendo um artigo muito interessante de Wilson de Moraes, no endereço <http://www.navedapalavra.com.br/resenhas/joaoguimaraesrosa.htm>, espécie de *guia* com orientações para quem tem dificuldades com a linguagem roseana.

Você deve saber identificar essas variações e entender quais foram os objetivos do autor ao fazer uso dessas diferentes expressões da língua.

d) GÍRIA

A gíria é, na verdade, uma maneira de um grupo, que guarda afinidades quanto à ideologia, ou à faixa etária, ou à condição sócio-econômica, enfim, algum tipo de traço característico, que passa para a forma de expressão lingüística. Algumas palavras da gíria passarão a compor nosso vocabulário, perdendo a identidade antes conferida apenas a um grupo. Veja um exemplo, retirado de uma excelente questão de Vestibular, na qual se explorava os diferentes níveis de linguagem:

Massa

"Pó, Erundina, massa! Agora que o maneiro Cazuzza virou nome num pedaço aqui na Sampa, quem sabe tu te anima e acha aí um point pra botá o nome de Magdalena Tagliaferro, Cláudio Santoro (...) e Radamés Gnattali. Esses caras não foi cruner de banda a la "Trogloditas do Sucesso", mas se a tua moçada não manjar quem eles foi, dá um look aí na Enciclopédia Britânica ou no Groves International e tu vai sacá que o astral do século 20 musical deve muito a eles."

Esse texto é do maestro Júlio Medaglia, em uma carta publicada no Painel do leitor do jornal Folha de S.Paulo. Ele faz uso de uma linguagem que certamente não é a dele, para fazer uma crítica a uma decisão da então prefeita Luiza Erundina (melhor dizendo, aos administradores públicos em geral) que, em nome do populismo, preocupam-se em dar nomes de ídolos populares aos logradouros públicos.

"Navegando na rede" (veja aí um exemplo de neologismo: criação de novas palavras), encontrei um site para caminhoneiros,

com um link só para gírias que eles usam entre si. Leia algumas, por curiosidade, observando a apropriação que esse grupo fez da linguagem. Algum erro nesse uso? Claro que não.

Exemplos: **água de eloquência** – cachaça; **anzol** – polícia rodoviária; **batom a batom** - pessoalmente (ela/ela); **bigode a bigode** - pessoalmente (ele/ele); **capacete** – sogro; **casa de beijo** – motel; **chuva artificial** - banho; **crystalina** – filha; **crystalíssima/primeiríssima** – mãe; **crystalografia** – família; **crystalórde** - filho; **feijão queimado** – amante; **itimhado** - doente

Reconhecer essas **variantes lingüísticas** e entender o contexto em que são usadas também será cobrado de você nos vestibulares.

2. Diferentes linguagens: poesia e prosa.

Há diferentes linguagens também: a escrita, por exemplo, pode ser em poesia ou em prosa. A prosa é esse uso comum da linguagem, com frases organizadas em parágrafos. Utilização completa das linhas, enfim, o que chamaríamos “convencional”. Já na poesia, a linguagem é subjetiva, pode-se quebrar a estrutura lógica das frases, contrariar a gramática, usar palavras em sentido figurado, enfim, escrever sem muitas “regras”. Não há impedimento de que num texto em prosa, a linguagem tenha a mesma elaboração que na poesia; voltaremos a esse tema na aula 12.

Muito bem, pense que a língua transforma-se ao longo do tempo. Procure lembrar um texto da época do Trovadorismo (que você já estudou em Literatura); tente pensar em um texto do século XVIII ou do XIX, você irá perceber diferenças no plano da estrutura das frases, da seleção do vocabulário, enfim. Faz-se importante treinar seus olhos para reconhecer tais diferenças.

Você ouve músicas, vê propagandas, lê tirinhas de jornal ou os chamados cartuns, vê quadros...são diferentes formas de expressão, e você tem de interpretá-los. Às vezes, a partir dessas formas de expressão são retiradas questões de vestibular, teóricas ou até mesmo um tema para sua redação.

Se quiser tirar suas dúvidas, escreva! Grande abraço!

EXERCÍCIOS

Os vestibulares modernos exploram as variantes de maneira diferente, solicitando, por exemplo, comentários sobre o uso de certas variantes e propondo comparações entre elas, como nas questões que seguem:

1. (U. F. VIÇOSA) Suponha um aluno se dirigindo a um colega de classe nestes termos: "*Venho respeitosamente solicitar-lhe se digne emprestar-me o livro.*" A atitude desse aluno se assemelha à atitude do indivíduo que:

- comparece ao baile de gala trajando "smoking".
- vai à audiência com uma autoridade de "short" e camiseta.
- vai à praia de terno e gravata.
- põe terno e gravata para ir falar na Câmara dos Deputados.
- vai ao Maracanã de chinelo e bermuda.

2. (FUVEST) Você pode dar um rolê de bike, lapidar o estilo a bordo de um skate, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar.

Considerando-se a variedade lingüística que se pretendeu reproduzir nesta frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é

- "dar um rolê de bike".
- "lapidar o estilo".
- "a bordo de um skate".
- "curtir o sol tropical".
- "levar sua gata para surfar".

3. As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade lingüística diversa da que foi usada no restante da frase em:

- Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
- Pude ver a obra de machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialasca".
- Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.

- d. O prêmio Darwin, que “homenageia” mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
- e. Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo “causos” à beira da fogueira.

4. (Unicamp) O trecho seguinte foi extraído do debate que se seguiu à palestra do poeta Paulo Leminski, *Poesia : a paixão da linguagem*, proferida durante o curso Os Sentidos da Paixão (Funarte, 1986).

Observe que nesse trecho é possível identificar palavras e construções características da linguagem coloquial oral. Reescreva-o de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

Estudei durante seis anos muito a vida de um paulista e fiz um filme sobre ele, que é o Mário de Andrade, um puta poeta muito pouco falado pelas ditas vanguardas modernistas (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, há muita gente reavaliando a poética de Mário, que ela é muito mais importante e profunda do aparentemente pareceu nestes últimos anos. Estudando o Mário, eu descobri um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamaninho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.

Os sentidos da paixão, p.301.

RESPOSTAS

1.c

2.b

3.e

4. Não há apenas uma forma de fazer a transcrição solicitada. Você poderia conseguir o resultado desejado, usando outras construções e selecionando um vocabulário deste que segue. Ocorre, também, que não é tão simples fazer a distinção do que é marca de coloquialismo e contrapô-la à norma culta. Por vezes, construções da linguagem oral coadunam-se com a linguagem padrão.

Estudei muito, durante seis anos, a vida de um paulista sobre o qual fiz, inclusive, um filme: trata-se de Mário de Andrade, um poeta pouco mencionado pelas vanguardas modernistas (...) Hoje em dia, felizmente, já existem vários trabalhos, nos quais se reavalia a poética desse autor, vez que ela é muito mais importante e profunda do pareceu nestes últimos anos. Estudando Mário de Andrade, descobri um exemplo de alguém que morreu de amor, mas de amor por seu povo, por seu país, por sua cultura (...) Um outro homem sobre quem eu também fiz um filme é Câmara Cascudo. Uma personalidade como ele morre, os jornais publicam uma pequena nota, quase insignificante, pouco visível, quando, na verdade, ele mereceria estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.